



“Era Najati quem eu buscava nas páginas”: o eu e o outro em *A ocupação*, de Julián Fuks

“It was Najati who I was looking for in the pages”: me and the other in Julián Fuks's *The Occupation*

Lilian Reichert Coelho¹

Resumo: Este texto trata de uma aproximação ao romance *A ocupação* (2019), do escritor brasileiro Julián Fuks, orientada para a abordagem das relações entre o narrador-personagem Sebastián e os outros, tanto os integrantes da ocupação quanto os seus próprios familiares, com acento no encontro com Najati, refugiado sírio. As noções de estranho (FREUD, 1976), outro/outrem (LÉVINAS, 1980) e interpelação (BUTLER, 2015) são convocadas para conduzir a leitura. Apresenta a ruína como imagem persistente na narrativa para simbolizar o momento caótico do Brasil atual. A hipótese de trabalho é a de que a disposição para a alteridade advém do incômodo com o próprio tempo presente, pelas mazelas sociais que reproduz, também dirigido à literatura, desafiada pela ocupação no sentido de tomar posição, de comprometer-se com a dor do outro. A dimensão ética que envolve o “gesto testemunhal” (SELIGMANN-SILVA, 2008) do narrador Sebastián apresenta-se como possibilidade de transfiguração do real que se impõe furiosamente e também da literatura, obrigando-a a assumir um desafio ético que Fuks capta, respeita e faz questão que permaneça como abertura, como faísca utópica, “apesar de tudo” (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; refugiados; ocupação; alteridade.

Abstract:

This text is an approximation to the novel *The occupation* (2019), by the Brazilian writer Julián Fuks, oriented towards the approach of the relations between the narrator-character Sebastián and the others, both members of the occupation and his own family, with emphasis on the encounter with Najati, a Syrian refugee. The notions of Unheimlich (FREUD, 1976), other (LÉVINAS, 1980) and interpellation (BUTLER, 2015) are summoned to lead the reading. It presents ruin as a persistent image in the narrative to symbolize Brazil's chaotic moment in the present time. The hypothesis is that the disposition for the other comes from the discomfort with the present time itself, due to the social ailments that it reproduces, also directed to literature, challenged by the occupation in the sense of taking a position, of committing to the pain of the other. The ethical dimension that involves the “testimonial gesture” (SELIGMANN-SILVA, 2008) in the narrator Sebastián presents itself as a possibility of transfiguration of the real that furiously imposes itself and also of literature, forcing it to take on an ethical

¹ Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia - Campus Jorge Amado. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/PPGCOM - UFRB e do Programa de Pós- Graduação em Estado e Sociedade/PPGES - UFSB. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UEL), Mestre em Estudos Literários (UNESP/Araraquara), Doutora em Letras (UFBA).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

challenge that Fuks captures, respects and insists that it remains as an opening, as a utopian spark, “despite everything” (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Keywords: Brazilian Contemporary Literature; refugees; occupation; otherness.

Desde 2015, num texto memorável² sobre Raimunda e João, tenho notado a jornalista e ativista brasileira Eliane Brum usar a expressão “refugiados em seu próprio país” para se referir às pessoas e grupos expulsos de seus territórios por grandes empreendimentos em parceria com o Estado brasileiro, notadamente Belo Monte, no Xingu. A mesma ideia é utilizada pela personagem Carmen no livro *A ocupação*, de Julián Fuks. Liderança da ocupação urbana no antigo Hotel Cambridge, no centro de São Paulo, ela diz, enérgica, numa reunião “fora da agenda”, convocada de urgência, ante uma ameaça de reintegração de posse:

Refugiados em país próprio ou estrangeiro, porque é isso o que a gente é, não importa a terra onde a gente esteja. Eles nos querem vagabundos, nos querem bandidos, maltrapilhos, indigentes. Querem que nos falte tudo, país, terra, casa para viver, chão para morrer. Esse é o erro deles: não sabem que somos todos refugiados, não sabem com que força os refugiados se fincam na pedra, como chega fundo a raiz do desterro. (FUKS, 2019, p. 25).

A tensão evocada pelas palavras da liderança Carmen entre deslocamento espacial, próprio ao estrangeiro e também aos movimentos populares de luta por terra e teto, e um dos sentidos possíveis de ocupar, que seria, justamente, habitar, permanecer em um lugar, se estabelece e se firma na narrativa de Fuks sem, no entanto, se resolver.

Num contexto de ameaças, ante um país que visivelmente rui (e não é gratuita a menção a dois prédios literalmente consumidos por chamas, um no passado – Edifício

² BRUM, Eliane. Vítimas de uma guerra Amazônia. *El País Brasil*, 25 de setembro de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html Acesso em 17 de maio de 2021.



Joelma, outro no presente – Edifício Wilton Paes de Almeida), o próprio narrador-personagem, Sebastián, se vê como estrangeiro, talvez num sentido mais próximo do estranho de Freud³. Ele se sente deslocado mesmo perante seus familiares mais próximos, mais íntimos. Estranho até para si mesmo. E, num momento de crise pessoal e do país, outra crise se interpõe em relação à alteridade constituída pelos integrantes da ocupação do Hotel Cambridge. As ambiguidades afloram, pois há uma distância e uma estranheza intransponíveis, mas há também a possibilidade de se aproximar do que pode haver de mais humano na relação ética com outrem no sentido atribuído por Lévinas (1980, p. 160) de que “Estar atento significa um acréscimo de consciência que supõe o apelo do Outro.”

É no “território dissidente”⁴ (SOUZA, 2015b, p. 188) da ocupação, onde há “refugiados em país próprio” e também estrangeiros como o sírio Najati, “Um entre muitos a vagar pelo mundo com as mãos nos ouvidos, ele disse, a abafar com as mãos o ruído das bombas que explodem ao longe, que nunca cessam de explodir” (FUKS, 2019, p. 16), que Sebastián tenta se refugiar de si mesmo e de seus íntimos, justamente entre os mais estranhos para si, entre os que deveriam ficar “escondidos”, ocultos em sua miséria, mas que teimam em aparecer à sociedade que os rejeita (Cf. SOUZA, 2015b) como incômodo, como resíduo. Na

³ “O que mais nos interessa nesse longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra ‘heimlich’ exhibe um que é idêntico ao seu oposto, ‘unheimlich’. Assim, o que é heimlich vem a ser unheimlich. [...] Em geral, somos lembrados de que a palavra ‘heimlich’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. ‘Unheimlich’ é habitualmente usado, conforme aprendemos, apenas como o contrário do primeiro significado de ‘heimlich’, e não do segundo. [...] Por outro lado, percebemos que Schelling diz algo que dá um novo esclarecimento ao conceito do Unheimlich, para o qual certamente não estávamos preparados. Segundo Schelling, unheimlich é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz.” (FREUD, 1976, p.279-280)

⁴ Entendido por Marcelo Lopes de Souza como expressão de “*várias práticas espaciais insurgentes*”, que “(...) dão vida, animam e sustentam as ações e os processos de resistência e reconstrução sócio-espacial (...)” (SOUZA, 2015b, p. 188) [grifos do autor]



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

delicadeza de seu olhar e de sua escrita, Sebastián apresenta Najati não apenas como número, “um entre cinco milhões de expatriados sírios”, mas um desconhecido que adquire feição, corpo e história próprios pela atenção que lhe dispensa. Fora um telefonema seu que atraíra Sebastián para a ocupação:

Disseram que você escreve sobre exílio, sobre vidas desgarradas, sobre árvores cujas raízes estão fincadas a milhares de quilômetros, ele disse em seu sotaque áspero, sua rouquidão agravada pela estática do telefone. (...) Sua voz parecia retumbar de dentro da estranha árvore: Tenho uma história para contar, me encontre no Hotel Cambridge, oitavo andar. (FUKS, 2019, p. 15)

Ao encontrar Najati, a alteridade antes materializada apenas na voz retumbante ganha a forma de um corpo envelhecido e marcado por “sulcos agudos”, “rugos como rios profundos”, “pálpebras caídas” no “rosto obscuro” pelos anos de prisão política, pelo desterro e pela tristeza. Assombrado e receoso com a interpelação, o narrador confessa: “Sei que o vi através da névoa seca dos meus olhos, vi pela primeira vez, e pensei pela primeira vez que aquele não era um homem, que aquilo não era um homem, era só as suas ruínas.” (FUKS, 2019, p. 17). Imagem recorrente em *A ocupação* é a da ruína: da cidade, da sociedade, dos prédios, de seres humanos singulares como Najati e tantos outros, também de seus corpos. O romance inicia com a cena de um casal, o narrador e sua companheira, caminhando pelas ruas da grande cidade rumo ao centro, quando se deparam com um cadeirante que os interpela, “com gentileza inesperada”, pedindo para ser empurrado e também que lhe comprem cachaça. Prestes a pagar pela bebida numa “ruína de bar”, surge um dilema ético com a interpelação de um menino a pedir ao casal que lhe compre um suco. No entanto, o dinheiro lhes permitiria atender apenas um dos pedidos e o narrador, Sebastián, revela que a troca parecia “indecorosa”, “imoral”. A decisão não pode ser adiada e, nessa cena, o narrador percebe a



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

ruína das boas intenções se não houver o verdadeiro “acolhimento” (Cf. LÉVINAS, 1980) de outrem, a abertura autêntica à alteridade.

A ruína é, para o narrador, a imagem do desastre, não aquele dos eventos extraordinários, mas a “materialização da catástrofe” no cotidiano (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 73). Por isso ela se repete tanto na narrativa de *A ocupação*, que elege a ruína como a imagem do “nosso fracasso civilizatório” (FUKS, 2019, p. 101). Uma pessoa é uma ruína, assim como um prédio, o país, o presente. E, se o outro é ruína, o que posso ser?, parece indagar-se Sebastián. E a literatura? O prédio da ocupação e seus ocupantes metonimizam a própria literatura, ameaçada de tornar-se também mera ruína frente às urgências e à destruição do tempo presente, ao clamor do real e, ao mesmo tempo, à crise de uma “ética da representação”. A cidade de São Paulo, simultaneamente estranha e familiar para Sebastián, é também uma ruína, um desafio à atenção e à possibilidade individual de perambular sem ser abordado por um outro desconhecido. Se o espaço é público, portanto, tanto meu como do outro, “a mistura incessante de planos de convivência entre diferentes” (HAESBERT, 2015, p. 95-96), a medida dessa relação é sempre uma incógnita: alento, banalidade, perigo. Numa grande cidade, inevitavelmente, a iminência do encontro com o outro, com o diferente, é quase uma certeza, como bem mostra a abertura de *A ocupação* acima mencionada, quando já se estabelece uma “cena de interpelação” (BUTLER, 2015), que consiste nesse estar diante do outro, ser interrogado e assumir uma atitude reflexiva⁵, portanto, ética.

⁵ Ao comentar as conferências de Foucault em Berkeley em 1983, Butler (2015, p. 160) aponta que: “A reflexividade do si-mesmo é incitada por um outro, de modo que o discurso de uma pessoa leva a outra à reflexão de si. O si-mesmo não começa simplesmente a se examinar pelas formas de racionalidade à mão. Essas formas de racionalidade são transmitidas pelo discurso, na forma de interpelação, e chegam como uma instigação, uma forma de sedução, uma imposição ou exigência de fora à qual o sujeito se entrega.”



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Em seu percurso com as pessoas da ocupação, Sebastián entende que o que lhe falta ou aquilo que teme é ocupado não apenas pelo contato, mas pela força do outro, como ocorre em sua partilha com Mia Couto sobre o episódio da prisão de Preta:

E, no entanto, que força tem essa mulher, quanto acredita na iminência de um dia novo, na liberdade que é seu direito, que é o direito inalienável da humanidade. Algo mais que chorar podem os olhos, algo mais que contar podem as vozes. Preta canta ao fim da entrevista⁶, e seu canto é bonito de um jeito difícil de dizer. É uma voz aguda, uma voz que inunda a sala inteira, que dali transborda para cobrir toda a ruína. E então eu volto a ver sentido neste meu empenho, não porque minha escrita possa ter a mesma potência, isso não terá, condenada à gravidade e à palidez. Mas porque é preciso fazer a tentativa - é o que entendo ao olhar para Preta - nem que seja para falhar ainda uma vez, e na falha subsistir. (FUKS, 2019, p. 108-109).

Estar diante desse outro, do corpo, do “rosto” do outro, que permanece como enigma, instaura questionamentos profundos sobre si mesmo e sobre a potencialidade da relação que se abre, desestabilizando o ensimesmar-se do titubeante Sebastián, impedindo “(...) a dialética solipsista da consciência, sempre receosa do seu cativo do Mesmo” (LEVINAS, 1980, p. 174). O inevitável impulso ao outro se apresenta como desafio ético, limite delicado; muitas vezes, Sebastián considera até mesmo fadado ao fracasso. Da perda das utopias da geração do pai, do que poderia levar a uma sociedade mais justa, à perda do filho que não vingou e das certezas sobre a narrativa a contar. As situações enfrentadas pelo narrador lhe permitem reconhecer a precariedade em suas diversas formas, incluindo a de “incerteza existencial”, na linha do que o olhar sociológico de Bauman revela sobre nossa condição de crise e constante inquietude no mundo contemporâneo:

⁶ A personagem é baseada na artista e ativista por moradia, militante do Movimento Sem-Teto do Centro (MTSC) Janice Ferreira da Silva, Preta Ferreira, presa injustamente sob acusação de extorsão dos moradores da ocupação, depois absolvida. Creio ser esta a entrevista à qual se refere o narrador: <https://www.youtube.com/watch?v=e3tAj6JhJxI> Acesso em 19 de maio de 2021.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Todos nós, indivíduos por decreto do destino, parecemos estar abandonados a nossos próprios recursos, lamentavelmente inadequados às tarefas grandiosas com que já nos defrontamos, assim como para as tarefas ainda mais apavorantes às quais suspeitamos que seremos expostos, a menos que se encontre uma forma de evitá-las. No fundo de todas as crises que abundam em nossos dias está a crise das agências e dos instrumentos de uma ação efetiva. E seu derivado, o sentimento constrangedor, degradante e exasperador de ter sido sentenciado à solidão em face dos perigos comuns. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 74-5)

O que resta, então, no compromisso ético com o outro, é deixar-se ocupar, transformar-se e à literatura em espaço alternativo à ruína geral que o cerca e “à solidão em face dos perigos comuns”, mantendo-se como uma presença estranha, como o olho e o ouvido externos, sem demonstrar qualquer tendência a uma conversão a esses outros. Mas Sebastián é inquirido por isso, tanto por sua própria consciência quanto pelos ocupantes. Não se trata, para ele, de tornar-se militante ou ocupante do Hotel Cambridge ou de qualquer outro prédio, embora passe momentos recolhido na solidão a ocupar ele próprio um dos andares do hotel, o que não passa despercebido pela liderança Carmen, que o interpela diretamente, exigindo posicionamento: “Se quer entender este lugar, melhor se juntar a nós na luta.” (FUKS, 2019, p. 83).

A consciência da impossibilidade ou mesmo a desconfiança sobre querer transformar-se em alguém que não é permeia o romance, apresentando-se como uma espécie de dilema ético mantido na ação pendular de aproximar-se e distanciar-se do outro, ao mesmo tempo bem sucedido e fracassado. Desta vez, talvez mais exitoso, ao contrário do tom de derrota já assinalado por Klinger e Miranda (2018, p. 113) a respeito da “performance do fracasso” em seu romance anterior, *A resistência* (2015). Essa percepção da própria falha se manifesta numa espécie de “estética da interrupção”, pela construção de “capítulos-fragmentos” que Klinger e Miranda (2018) já haviam notado em *A resistência*.



Fragmentos porque os 41 capítulos numerados e sem títulos não se constituem com a autonomia de contos, por exemplo. Talvez seja assim porque há alternância entre as experiências com os outros desconhecidos e o chamado incessante da vida pessoal: o pai doente, a mulher grávida. E também porque esses outros resistem a ocupar as páginas do livro como personagens. Carmen, Preta, Ginia, Najati, Demetrio, Rosa e seus infortúnios pessoais derivados de desgraças sociais e históricas são presenças “vagalumes”, na acepção apresentada por Didi-Huberman a partir de Pasolini em *A sobrevivência dos vagalumes* (2011).

Em meio à devastação, à ruína em que se transforma rapidamente o presente, essas pessoas e suas histórias de vida e luta constituem “luzes menores”, “erráticas”, que atuam na resistência contra o mundo de terror imposto pelo poder que ofusca com sua “grande luz”, na forma de ordens de despejo, ameaças, prisões. Em sua existência como “nanoterritório”⁷, a ocupação manifesta-se como a parte não imponente do antigo Hotel Cambridge, como o que não se vê, mas tremeluz como figura a desafiar o neoliberalismo e sua crise. Algo similar vale para a literatura. Embora apareça na forma de questionamento do narrador em seu desencanto sobre essa “quimera”, como chama a literatura, interrogada sobre sua competência de “restituir algo da humanidade que perdemos” (FUKS, 2019, p. 108), ela também pode ser um vagalume.

Apesar do assombro pelas condições materiais, os outros não são construídos na narrativa como vencidos, mas, em seu ser potencialmente “vagalume”, como sobreviventes e vítimas da injustiça. São pessoas em luta, em resistência, numa atividade de negação do que

⁷ Escala geográfica assim denominada por Marcelo Lopes de Souza como “(...) por excelência, a dos oprimidos e de suas táticas, com suas resistências quotidianas inscritas no espaço ou expressas espacialmente, como já assinalara de Certeau (1996). É a escala, mais abrangentemente, dos ‘micropoderes’, da ‘microfísica do poder’ (...)” (SOUZA, 2015a, p. 63)



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

lhes é imposto como destino comum. Os pais de Sebastián também foram militantes no passado, tendo lutado contra a ditadura argentina e se exilado no Brasil. Antes deles, na história familiar, os pais do pai foram assassinados em Auschwitz, informação que desencadeia o estado atual da saúde do pai, cujo corpo passa a ser ocupado por ar, pelo vazio da dor imensurável. Ao contrário do intumescimento no corpo do pai, o corpo antes vazio da mulher de Sebastián torna-se ocupado pelo filho, mas volta a murchar com o aborto. Tudo isso, mais a pressão do momento e o fantasma de um passado coletivo opressor faz o narrador desconfiar de que talvez não seja capaz de enfrentar “(...) o quadro maior, o retorno paulatino do país ao seu passado autoritário.” (FUKS, 2019, p. 20). Numa caminhada com Najati, Sebastián pergunta

[...] o que o havia trazido, afinal, ao Brasil, e agora ele discorria sobre a função do acaso nas trajetórias pessoais, sobre decisões súbitas, sobre encontros inesperados. O Brasil talvez tivesse sido a escolha errada, sobretudo pelo rumo que as coisas têm tomado, ele disse, mas estava feliz, se é possível dizer algo assim, de fazer parte de uma nova comunidade, e uma comunidade de luta contra o desatino que nos governa em toda parte. Algo pude entender aqui, seguiu, que, embora a opressão possa se alastrar de país em país, conquistando continentes inteiros, também a resistência é expansiva, também ela atravessa fronteiras. (FUKS, 2019, p. 80).

Diante dessa força onde poderia dominar o seu contrário, Sebastián enfatiza repetidamente sua oscilação entre ensimesmar-se nas dores e experiências pessoais ou ceder ao convite do outro. Esse movimento transpassa todo o livro, que oferece um exercício de indagação epistêmica do testemunho possível do que vivemos no tempo presente mais próximo, um tempo de tantas urgências, a partir de uma suposta (in)capacidade do narrador, como escritor, de captar e (re)contar as experiências do outro a não ser em fragmentos. Ele se sente afetado pela alteridade e pelos acontecimentos, interpelado por um impulso de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

coletividade, que não recusa. E nem poderia, pois estar diante de outrem já pressupõe a responsabilidade, dada “a presença da humanidade nos olhos que me observam” (LÉVINAS, 1980, p. 187).

Ao abrir-se a esse apelo, Sebastián tem oportunidade de testemunhar a coragem de várias pessoas, com destaque para as mulheres, que se insurgem contra as opressões históricas e do presente, enfrentando o acúmulo de infortúnios e a iminência de nova desgraça sem qualquer reivindicação de heroísmo. Essas pessoas não têm nada, sequer tempo, tudo em suas vidas é urgente. O que lhes resta é ter coragem, é resistir, como bem nota Najati. Entretanto, a angústia de Sebastián persiste e deriva da desconfiança sobre a própria habilidade de alcançar o envolvimento que entende ser imperioso. Um sentimento de inadequação o constitui; sente-se inoportuno em relação à mulher, ao pai no leito de morte (que não se consuma), a tantos outros desterrados, à literatura, à política. Mais até do que inadequação, hesita na contradição entre o sentimento de impotência e o apelo à ação, até constatar que “(...) não poderia me eximir, que não poderia me aliar à multidão de vítimas, e senti de novo a angústia e a náusea, o inominável a confluir para o meu peito, muito mais intenso.” (FUKS, 2019, p. 102).

Além disso, revela que está ali na ocupação também, talvez até e sobretudo, por uma questão íntima, talvez mais até do que por aqueles outros: não saber lidar com a perda do filho, um ocupante ao mesmo tempo incômodo e bem-vindo, festejado, mas perdido para sempre. Esse conflito entre o pessoal e o compromisso moral atravessa a narrativa mantendo a indecisão. E, como a literatura não tem o encargo de dar respostas, os múltiplos sentidos de ocupação se revelam mais amplamente ainda nessa oscilação constante entre o imperativo ético e um certo impedimento de agir; por um lado, é impelido a participar, agir com os outros



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

em suas lutas; por outro, hesita, recua ante as demandas da vida pessoal. Em sua lida de escritor, Sebastián posiciona-se como alguém que luta com e contra as palavras porque tem dúvidas se são suficientes num mundo em destroços ou perante a força das pessoas da ocupação e da solidariedade do movimento em seu sentido de coletividade ao qual assente, mas como “um curioso, um intruso, um infiltrado. Eu, um saqueador de histórias, a roubar daquela gente suas mãos, seus olhos, até a sua voz.” (FUKS, 2019, p. 100). Mesmo nos momentos em que está de corpo presente na ocupação, ou quando caminha em solidariedade, mas também por impulso gregário, com os ocupantes rumo à nova ocupação, seu incômodo é exposto, como se sua presença fosse uma impostura prestes a ser notada e denunciada.

Nessa inquietude se move ao longo de todo o livro e num tom sempre pessoal, aderido à própria subjetividade, interpreta o humano, o encontro com o outro, mais do que a ocupação como movimento social, político. E sua disposição para o outro não advém de inclinações antropológicas, mas do incômodo com o próprio tempo, com as mazelas sociais e também com a literatura, desafiada pela ocupação no sentido de provocar uma tomada de posição, entendida por ele como comprometimento com a dor do outro, mais do que com a luta coletiva. Comprometimento que não é fácil e Sebastián se indaga sobre isso: a intransponibilidade da diferença eu-outro, ou melhor, o transbordamento também do lugar ocupado em seus diversos significados.

Nesse dia e nos seguintes, nas semanas, nos meses, eu entenderia algo do que buscava ali, a razão por que escapava tantas vezes ao mesmo lugar, à ocupação de moradores sem-teto. Os chamados que faziam, o livro que eu escreveria, tudo era pretexto para que ali eu me abrigasse do presente em ruínas, para que me deixasse tomar por um improvável alento. Ocupar era o imperativo de todos eles, ocupar as praças, as ruas, os prédios vazios, povoá-los com seus corpos ainda firmes, com sua vida incontível. Ocupar era uma urgência dos corpos, convertida no mais contundente dos atos políticos, a afrontar a resignação dos serenos. Ocupar, nem que fosse para estar entre muitos, para existir ainda uma vez em coletivo. Meu imperativo talvez



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

fosse outro, embora impossível: me fazer praça, me fazer rua, me fazer prédio vazio, e que enfim me ocupasse o incontível da vida. (FUKS, 2019, p. 104-5)

Com desassossego, ele próprio um refugiado de outro mundo na ocupação, “clandestino” como todo exilado, compartilha fragmentos de testemunhos de experiências vividas por pessoas muito diferentes de si: refugiados, militantes, sobreviventes de variadas formas de violência e de suas próprias escolhas. Em contatos tímidos, fragmentados, de conversa acanhada, recolhe pequenos relatos como quem rouba e é só o que pode apresentar porque existem limites misteriosos e insuperáveis no encontro com o outro. Como sujeito responsável, tem consciência da necessidade de uma palavra empenhada, que também sabe insuficiente ante a desgraça dos outros com cujas vidas teme ocupar poucas páginas de um mero livro.

É por isso que o narrador repete ao longo da narrativa sua desconfiança em relação à escuta de que é capaz e à sua competência de escrever sem trair a dor do outro e sem ter vivido as experiências dolorosas do outro. Ele sabe que não pode falar pelo outro por não ter sua experiência de vida. O que ele pode é testemunhar sua luta, sua insistência na vida quando tudo parece levar à derrota, sua passagem contundente pelo presente histórico como voz insurgente, ainda que fraca e anacrônica num tempo caótico como o nosso e tentar inscrevê-la. Apesar de todas as dúvidas, pelo “transbordamento da consciência” no encontro com outrem, Sebastián entende que tem a palavra, a linguagem como contrárias à paralisia que ele tanto evoca para falar de si, a escrita como poder “(...) de acolhimento, de dom, de mãos cheias, de hospitalidade.” (LEVINAS, 1980, p. 183). Sem a reivindicação de qualquer verdade memorialística, os testemunhos coletados pelo narrador estão indissociados da efemeridade de seus encontros com essas pessoas em suas desposseções, vulnerabilidades,



mas também em sua força, coragem e necessidade de partilha. Essa conexão ética “incondicional” (LÉVINAS, 1980) configura-se como gesto político em tempos sombrios como os nossos, ainda que ínfimo, no sentido de reconhecer um problema: a afinidade entre si mesmo e o outro, mesmo aquele outro com quem já se tem a maior intimidade como a mulher e o pai.

Fuks já testara os limites da ocupação das páginas com a vida da própria família em *A resistência*. Mas a experiência que gera *A ocupação* parece-lhe mais radical, se confiarmos no narrador, que se vê afrontado pelo questionamento incessante sobre a intromissão quase usurpadora na vida de outros tão diferentes de si, daqueles que são vítimas das mais monstruosas injustiças no presente. Pode a vida desse outro ser capturada e reduzida ao livro de um escritor que nunca esteve à beira do caos coletivo a não ser agora? Apesar de tanta angústia revelada ao longo das 126 páginas, ele se coloca numa posição de responsabilidade⁸, ao impelir-se ao outro, como escreve a Mia Couto:

Eu lhe contei do livro que começava a escrever, da minha vontade de me expandir, de ir além dos meus dramas mezinhos. De ir além também dos seres queridos que me cercam, de me debruçar sobre os outros e contemplar seus abismos (...). Se queria me aproximar dos outros, se queria entendê-los, posso ter falhado miseravelmente. Até aqueles que são próximos (...). Mais insondáveis ainda são os ocupantes deste livro. (FUKS, 2019, p. 107)

Apesar da performance e do tom confessional que perpassa a narrativa para evidenciar as dúvidas que atormentam o narrador, o contraste entre o pessoal (que se estende da vida

⁸ Parece tratar-se de uma tomada de consciência sobre a responsabilidade perante o outro como convida a pensar Lévinas: “A minha responsabilidade não cessa, ninguém pode substituir-me. De facto, trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar.” (LEVINAS, 2010, p. 84).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

íntima ao projeto literário) e a convocação dos outros, íntimos e desconhecidos, à experiência da vida coletiva, ao contato inevitável e urgente com a alteridade, desenvolve a percepção de que não há como se eximir nem se transmutar na dor e na voz desses outros. A diferença permanecerá diferença. O que resta ao narrador, como escritor e como ser responsável é, então, escrever, mas até esse seu ofício lhe causa profunda angústia. “Estou escrevendo um livro sobre a dor do mundo, a miséria, o exílio, o desespero, a raiva, a tragédia, o absurdo, um livro sobre esta interminável ruína que nos cerca, tantas vezes despercebida, mas escrevo protegido por paredes firmes.” (FUKS, 2019, p. 108).

São firmes também as paredes da ocupação – mesmo na precariedade que a constitui na percepção de Sebastián – em seu sentido de habitação, de abrigo. Ao se refugiar num dos quartos do prédio, ele também encontra morada, é acolhido pelos outros já tão acostumados a esse gesto, razão de ser também de sua luta coletiva. O estranho torna-se familiar, ainda que em irrevogável ambiguidade, nesse lugar povoado de histórias alheias e agora também das suas, ainda que não proferidas, guardadas na reclusão do décimo quinto andar, num ensimesmar-se que é também “(...) um recolhimento, uma vinda a si, uma retirada para sua casa como para uma terra de asilo, que responde a uma hospitalidade, a uma expectativa, a um acolhimento humano, em que a linguagem que se cala continua a ser uma possibilidade essencial.” (LÉVINAS, 1980, 138). Ocupar-se do outro envolve, então, inevitavelmente, responsabilidade, também no sentido do esforço por perder-se de si (das certezas), como teria aconselhado elegantemente o escritor moçambicano Mia Couto a Sebastián em um encontro ocorrido no passado:

Eles me contam as suas histórias, dizem coisas tão fortes que às vezes turvam meus sentidos e eu já não sei quanto assimilo, e sobretudo não sei o que lhes devolver, não sei como retribuir.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Só o que faço é deixar que me ocupem, que ocupem a minha escrita: uma literatura ocupada é o que posso fazer neste momento. E é assim, num último movimento, que me vejo perdido – mas não no sentido libertador que você professou naquele dia. Meus ocupantes me conduzem para fora dos meus domínios, e eu já não sei bem por onde vou. (FUKS, 2019, p. 107)

Apesar da sensação de fracasso, na relação com o outro há algumas descobertas importantes que reforçam seu projeto de escrita e seu compromisso com os familiares mortos no holocausto, com o pai, a mulher, o filho que não vingou, os ocupantes. Sebastián está perdido, mas o outro está exposto⁹ (BUTLER, 2015) defronte de si, seus corpos se apresentam a ele: a mulher grávida, o pai inchado no hospital, Najati, Ginia, Demetrio, Rosa, todos/as os/as ocupantes, o próprio prédio do Hotel Cambridge. O narrador também se expõe, mas sua exposição é outra, a do corpo, com a da inscrição do outro em um relato que levará sua assinatura. Já o outro não é discurso, é corpo e é vida em ação, num fazer-se que o narrador não alcança, embora ele mesmo esteja em emergência de algo que não sabe o que poderá ser (assim como seu livro), só entende que o importante é seguir, “compassar os pés aos pés vizinhos, aliar-se à massa indistinta” (FUKS, 2019, p. 126), deixar-se levar, perder-se, como lhe havia sugerido Couto:

Ao dobrar uma esquina, o sol incidiu em cheio nos meus olhos, me cegando por um segundo. De olhos fechados, senti que me fazia um sujeito sem origem, sem história, habitante de um presente que era tudo ainda que nada durasse, ainda que mirasse continuamente ao futuro. Aquela era uma manhã luminosa, percebi. E, ao apertar o passo para que não me atropelasse o passado, me fundi enfim à imensidão dos outros. (FUKS, 2019, p. 126)

⁹ “Para Cavarero, o ‘eu’ encontra não só estou ou aquele atributo do outro, mas também o fato de esse outro ser fundamentalmente exposto, visível, percebido, existente de maneira corporal e necessária no domínio da aparência. De certo modo, *essa* exposição que eu sou constitui minha singularidade. Por mais que eu queira, não posso me livrar dela, pois é uma característica da minha corporalidade e, nesse sentido, da minha vida.” (BUTLER, 2015, p. 47).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Sobre os outros com os quais Sebastián se depara e o assombram que são estrangeiros no sentido mais usual da palavra, a indicar apenas umas das manifestações do outro, está Najati. Ele é esse outro que convida Sebastián à ocupação, ele também escreve e confia a Sebastián sua história e seus escritos, o que perturba o narrador: “(...) só o que eu me perguntava era o que aquele homem podia esperar de mim. (...) Que palavra impossível lhe daria algum alívio, um conforto estéril? Ou ele queria para a sua história um autor, e era essa a sua esperança, o meu fim?” (FUKS, 2019, p. 17). Apenas adiante, quando Sebastián sugere a Najati publicar seus escritos e ditos, ele entende melhor o propósito daqueles encontros: “Ele nem deteve o passo para descartar a proposta: nem perca o seu tempo, a literatura não me interessa em nada. Só o que me interessa é a abertura para o diálogo.” (FUKS, 2019, p. 81). Só interessa a esse outro, que permanece mistério para o narrador, o acolhimento, a reciprocidade, a expansão dos vínculos humanos como ato gratuito, apesar do mundo em ruína.

Esse é um dos grandes aprendizados de Sebastián na relação com esse outro: tudo começa com o estranho telefonema de Najati, convidando o narrador a visitá-lo na ocupação. Lá, o refugiado confia ao desconhecido escritor um envelope com seus escritos. “Eram contos, crônicas, ou relatos autobiográficos, talvez uma única narrativa fragmentária e pouco coesa, constituindo um todo imperfeito, inacabado.” (FUKS, 2019, p. 34). Os textos são também estranhos na sua apresentação, “alinhado à direita, como no árabe original, e traduzido para um inglês precário (...)” São textos em que Najati se expõe, desta vez, pela escrita, prolongamento do corpo, talvez:

Non se lia a Síria nos textos de Najati, a princípio não se lia a guerra, a destruição, a ruína maior em sua dimensão histórica. Era nas pequenezas cotidianas que se revelava a imensidão



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

da desgraça. Na posse do corpo e na despossessão, na privação do corpo ou de tudo o mais, e no valor imprevisto que alcançava cada ínfimo objeto que lhe restasse. (FUKS, 2019, p. 35)

Quase como o próprio texto de Fuks, que tem nas ruínas do Brasil do presente um peso que não se lê (apenas) como dimensão de tragédia social, histórica, mas nas “pequenezas” de sua vida pessoal. O que se passa no Brasil nos chega pela delegação à voz de Mia Couto em uma carta endereçada ao destinatário identificado como “Caro Julián” (e não Sebastián, o narrador):

Entendo então o teu sentimento de desabrigo. Partilho dessa dor como se fosse um luto, a memória de um tão recente país que tinha o canto e o riso por bandeira. (...) Essa condição solitária me atemoriza pois nos isola não apenas uns dos outros mas nos separa de uma utopia que nos confere morada no futuro.

É uma grande tristeza o que sucede no Brasil de hoje. (...) Porque é sem nome nem tamanho a tristeza de ver o nosso futuro coletivo caducar à nossa frente. (FUKS, 2019, p. 120).

Em um texto de Najati intitulado “O jardim que voltou a ser um cemitério”, o narrador conta justamente o que o nome diz, encerrando-se “(...) na composição dessa imagem crua de destruição” (FUKS, 2019, p. 45). Sebastián confessa que procurava Najati nas páginas, sua família, seus sentimentos, o que lhe parecia natural, já que ele próprio intercala, em *A ocupação*, suas experiências com esses outros desconhecidos e as próprias vivências familiares. O esforço de Najati, entretanto, não se orienta para falar de si mesmo, por isso não se alonga “em trivialidades nostálgicas”, como se poderia esperar, na forma dos desabafos melancólicos de um refugiado. Sebastián apresenta dois textos de Najati para concluir algo sobre si mesmo, sobre a relação com esse outro pela escrita, sem deixar de acentuar as inconstâncias que atribui a si: “Com que força aquelas páginas me atingiam,



incompreensivelmente, talvez, quanto me submergiam em sua atmosfera de dor e desolação. (...) A impressão não duraria nada, eu sabia, o instante logo se alongaria para dissipar sua intensidade.” (FUKS, 2019, p. 36). Essa efemeridade do presente também é notada por Najati numa estranha caminhada em que ele e Sebastián se aventuram pela cidade de São Paulo, que “não se parecia em nada com Homs, tão distintas suas ruas e suas árvores”. No entanto, “(...) há algo na coexistência pelas calçadas que iguala a todos, ele disse, nos faz por breves passos sujeitos sem origem, sem história, coabitantes de um único presente que é tudo ainda que não dure nada. Assim esqueço de mim por um instante, esqueço dos meus e me faço outro.” (FUKS, 2019, p. 79).

Fazer-se outro envolve também retornar, ciente que os lugares e as pessoas podem não ter permanecido iguais, como numa imagem congelada. Pessoas podem até mesmo não ocupar mais os mesmos lugares. Após um tempo sem conseguir frequentar a ocupação, Sebastián procura Najati e é surpreendido com sua partida discreta: “O velho sírio? Foi embora. Ninguém viu sair, não deixou nenhuma palavra, ninguém sabe onde foi parar.” (FUKS, 2019, p. 117). E, justo quando a voz se cala, surge “algo de cristalino” que, no entanto, não soa muito convincente para si mesmo, embora seja um esforço para mostrar a possibilidade de transfiguração do real que se impõe como urgência e como ruína e também da literatura. Ao defrontar-se com a alteridade e com sua história, ela se vê obrigada a assumir o desafio ético que Sebastián capta, respeita e faz questão que permaneça abertura, faísca utópica, como aprendera com Najati e com os outros da ocupação. Assim, só pode entrever um final “feliz” para a história de Najati:

Seu retorno à Síria, seu retorno a Homs, agora que as bombas inaudíveis pareciam cessar, agora que em seu país não devia restar nenhuma esquina por destruir, era lógico e necessário. Desafiar seu desterro oficial, povoar de rostos conhecidos o deserto de sua intimidade. Erguer



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

das ruínas uma nova casa, um edifício sólido sobre o chão impossível, esse era o único desfecho possível para a sua história. (FUKS, 2019, 117).

Do conjunto de aprendizados, por assim dizer, que o narrador relata a partir dos encontros com esses outros, emana ainda a surpresa de se espantar consigo, com a realidade, com o outro, com a vida e com a cidade, enlevo que não necessariamente precisa trazer conhecimento, respostas, mas “capacidade de renascer” a partir de “um pretexto tolo e gratuito para me libertar desse abatimento”, como exemplifica Mia Couto em uma das cartas (FUKS, 2019, p. 120). Entre o concreto e o singular que não capta em sua inteireza e o abstrato que caracteriza a “imensidão dos outros”, está a imagem do presente como borrão indistinto e inapreensível da multidão, “presente que era tudo ainda que nada durasse”.

O conselho de Mia Couto é um convite a pensar a vida e a própria literatura como gesto de afronta à “resignação dos serenos”. Ocupar um lugar, ocupar-se do outro, ocupar a página com palavras, com histórias de pessoas, e mesmo perder-se, ocupando-se apenas da luz do dia, podem constituir também atos de resistência frente ao horror, à ruína e ao caos do presente em turbulência. Numa crítica ao que acontece no país, Sebastián conclui, a partir da sua participação no deslocamento pelas ruas que conduz a uma nova ocupação: “Só a contrariedade podia fazer sentido num presente em tal desalinho. Só a desordem era razoável ante a desrazão da ordem.” (FUKS, 2019, p. 96). Ao final, o que se evidencia é que as páginas do livro foram se ocupando de palavras e de histórias dos outros. “Na profusão de palavras alheias talvez eu abrandasse a escassez das minhas” (FUKS, 2019, p. 20). Além da escrita, Sebastián termina com algumas fracas faíscas de esperança em meio ao caos, dentre as quais a de que sempre pode “nascer flor do concreto” (FUKS, 2019, p. 25).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Referências

- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral – A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo – crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vagalumes*. Trad. Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FREUD, Sigmund. “O estranho”. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Jayme Salomão (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.17, p.275-314.
- FUKS, Julián. *A ocupação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HAESBERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MIRANDA, Gabriel Fernandes de; KLINGER, Diana Irene. Resistindo ao próprio: o impessoal, o comum e o passado em A Resistência, de Julián Fuks. In: *Aurora – Revista de arte, mídia e política*, vol. 11, n.31, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/36906> Acesso em 19 de maio de 2021.
- SELIGAMNN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NETROVSKI, Arthur; SELIGAMNN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Eliseu Savério. (orgs.). *Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015a.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Dos espaços de controle aos territórios dissidentes: escritos de divulgação científica e análise política*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015b.